



PASTINHA FOI ADIANTE: CAPOEIRA ANGOLA, REDES VIRTUAIS E COMUNIDADES TRANSNACIONAIS

PASTINHA WAS AHEAD: CAPOEIRA ANGOLA, VIRTUAL NETWORKS AND TRANSNATIONAL COMMUNITIES

Adailton da Silva 1

Resumo: Desde que Mestre Pastinha foi a Dakar em 1966, muitas transformações aconteceram nas relações do Brasil com a África. Em seu trânsito por múltiplas fronteiras, a comunidade da Capoeira Angola constituiu-se em campo de produção de saberes acadêmicos e proliferou-se com apoio de políticas estatais. A interação entre pesquisas e práticas na Capoeira Angola deu início à constituição de um cânone literário formulado a partir de distintas linguagens e referências. O contexto de pandemia expôs pelas redes virtuais certas tensões e desigualdades nesta comunidade, assim como vem propondo alterações nas relações dentro da comunidade da Capoeira Angola. Em meio às crises e desafios, grupos transnacionais de Capoeira Angola como FICA e Nzinga, seguem reatualizando o legado de Pastinha, prestigiando a ligação com a África ancestral e a África do presente.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Relações Brasil-África. Diáspora Africana. Comunidades Transnacionais.

Abstract: Since Mestre Pastinha went to Dakar in 1966, many changes have taken place in Brazil's relations with Africa. In its transit through multiple borders, Capoeira Angola Community became the field of production of academic knowledge and expanded with the support of state policies. The interaction between research and practices in Capoeira Angola started the constitution of a literary canon formulated from different languages and references. The context of the pandemic has shown in the virtual networks certain tensions and inequalities in this community, as well as proposing changes in the discipleship relations. In the midst of crises and challenges, transnational groups of Capoeira Angola like FICA and Nzinga continue to update Pastinha's legacy, without losing their connection with ancestral Africa and the Africa of the present.

Keywords: Capoeira Angola. Africa-Brazil Relations. African Diaspora. Transnational Groups.

Introdução

Este ensaio apresenta alguns aspectos da formação e percurso dos grupos de Capoeira Angola no Brasil e no mundo. Desde a ancestral origem nas práticas culturais de comunidades de origem africana em diáspora no Brasil Colonial, a capoeira e quem a pratica tem vivenciado reformulações e reposicionamentos em meio ao esforço de geração, preservação e significação de vínculos coletivos. Apresentam-se também aqui alguns dos desafios contemporâneos que a comunidade transnacional de praticantes de Capoeira Angola vem enfrentando durante a pandemia mundial de Covid-19.

A primeira parte do texto - “Capoeira veio da África” - aponta para algumas apropriações da capoeira pelo Estado Nação Brasileiro em sua disputa por reconhecimento e atuação no contexto das comunidades das nações, em especial nas relações diplomáticas com os países do continente africano. Os impactos de algumas destas estratégias assumidas pelo Estado brasileiro aparecem ainda nesta parte, porém o destaque aos modos como se deu a reação a estas políticas começa na parte seguinte. A atuação de capoeiristas é o que direciona o quadro descrito na segunda parte - “Pastinha foi para o mundo: semente ancestral em florescimento internacional” - destacando alguns grupos, mestres/as e suas linhagens pelo mundo.

Na terceira parte - “Pastinha foi para a universidade: traduções da oralidade para um cânone literário” - estão indicadas possibilidades para compreender como a capoeira que vinha sendo difundida principalmente através do convívio e da oralidade passou a ser retransmitida também na forma trabalhos acadêmicos e distintos suportes de mídia. Aí também estão alguns exemplos de como a comunidade de capoeiristas foi estabelecendo vínculos com a universidade e esforços de pesquisa acadêmica sobre África e sua diáspora.

Na quarta parte do ensaio - “Pastinha foi para as redes: crises e desafios na comunidade virtual” - estão apontados alguns tensionamentos operados em meio a difusão de registros compartilhados virtualmente acerca da capoeira e sua comunidade transnacional de praticantes. Embates travados na rede mundial de computadores tornaram públicas, durante a restrição de atividades presenciais na pandemia, profundas contradições e graves acusações acerca das relações entre capoeiristas.

Nas considerações, quinta e derradeira seção do ensaio, estão exemplificadas como as conexões com as africanidades têm sido regeneradas na contemporaneidade da capoeira Angola, apesar dos imensos desafios candentes.

Capoeira veio da África.

A diáspora negra atlântica gerou comunidades culturais que seguem movendo bens, pessoas e ideias. A capoeira é um dos frutos deste movimento cultural do fluxo afrodiaspórico (KAMBON, 2018). Tendo sido registrada inicialmente na América Ibérica, a capoeira formou-se no encontro forçado de africanos com ameríndios e europeus no que hoje é o Brasil.

Enquanto prática e expressão cultural, a capoeira está associada à constituição política da identidade afro-brasileira e reivindica vínculos ancestrais com os povos bantos na África (DETTMANN, 2013).

Documentada ainda no século XVIII, a capoeira foi usada como arma na Guerra do Paraguai e criminalizada no Brasil do século XIX. Descriminalizada nos anos 1930, permaneceu estigmatizada durante boa parte do século XX. Entre os anos 1930 e 1960 se reinventou pronunciando certas feições em sua comunidade de praticantes (arte, folclore, luta, esporte, espetáculo, filosofia, religiosidade) garantindo sua consolidação e propagação em escala planetária a partir dos anos 1970 (ESTEVES, 2003; ASSUNÇÃO, 2019). Como signo cultural do Brasil, a capoeira se tornou, nas décadas seguintes, um dos principais produtos culturais exportados para o mundo.

Em 2014 a capoeira alcançou reconhecimento enquanto patrimônio imaterial da humanidade por parte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

De acordo com dados do governo brasileiro, a capoeira é praticada em mais de 70 países, em mais de 500 grupos ou associações, em uma comunidade global de praticantes estimada em

centenas de milhares de pessoas¹. Além das práticas e linguagens corporais, os grupos de capoeira compartilham códigos de conduta e visões de mundo, estabelecidos através do vínculo mestre-discípulo que caracteriza esta comunidade (DOWNEY, 2014; RUFINO, 2018). O crescimento da comunidade da capoeira fomentou a circulação de indumentárias, instrumentos musicais, canções, técnicas de combate e autodefesa, tecnologias sociais e de cuidado, memórias, bens e símbolos que envolvem pessoas no mundo todo em uma grande roda de trocas econômicas e de significados (BRITO, 2012; PEÇANHA, 2019).

As mudanças nas relações do Sul-Sul, ocorridas a partir da segunda metade do século XX, geraram efeitos nos modos como a capoeira se reinventou (FONSECA, 2012). Em 1966 a capoeira chegou oficialmente ao continente africano para a Festival Mundial de Artes Negras, em Dakar, no Senegal. Um grupo de mestres de capoeira liderados por Vicente Ferreira Pastinha fez parte desta comitiva convidada para representar o Brasil. Desde 1964 a capoeira era um dos componentes da cultura afro-brasileira que o governo ditatorial utilizava como ponte para a aproximação dos países africanos. O destaque para os aspectos de africanidade da capoeira foram então impulsionados pela busca de autenticidade e ancestralidade por parte de parcela dos/as capoeiristas, militantes antirracistas e pesquisadores/as acadêmicos/as, tanto quanto pelo desejo do Estado brasileiro em alavancar seu status na comunidade das nações durante a descolonização e a Guerra Fria (SANTOS, 2005). Personalidades e instituições distribuídas em um amplo espectro político ajudaram a fortalecer a relevância da capoeira como expressão do Brasil dentro do país e pelo mundo. Neste contexto como em outros, as contradições emergem na comunidade da capoeira, desta vez na forma de críticas ao regime ditatorial que convivem com posições de exaltação de um nacionalismo autoritário e ufanista (CASTRO JUNIOR, 2008).

Esgotada a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), os primeiros governos democráticos que seguiram, refrearam a aproximação com as nações africanas. As primeiras tratativas para o estabelecimento da Comunidade de Países da Língua Portuguesa ocorrem em 1989, porém a CPLP só se concretizou em 1996, com Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, e São Tomé e Príncipe. Timor Leste entrou para a CPLP apenas em 2002, enquanto que a Guiné Equatorial só o fez mais recentemente, em 2014.

A Terceira Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, ou Conferência de Durban em 2001, sinalizou um ponto de virada das relações do Brasil com os países do continente africano. A delegação brasileira teve uma participação destacada e uma representante brasileira fez a relatoria do documento final da conferência. Esta virada se reiterou e aprofundou na Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD) em Salvador (2006), cidade que é o principal centro mundial de difusão da capoeira. Outra vez a capoeira, e um conjunto de elementos da cultura afro-brasileira, serviram como esteio para conectar as duas margens do Atlântico Sul.

Naquele ano o chanceler do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil, Celso Amorim, explicitou na II CIAD o que seria a posição do governo em relação ao continente africano durante a Era Lula (2003-2010). Como presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva realizou 33 viagens oficiais ao continente africano, visitou 23 países deste continente, e possibilitou a abertura de 19 novas embaixadas na África, atingindo o contingente de 36 postos consulares na atualidade. Também em 2006 é iniciado o BRICS, o acordo de cooperação envolvendo África do Sul, Brasil, China, Índia e Rússia (TAVARES, 2015).

Neste período, o Ministério da Cultura (MINC) aprimorou seu diálogo com a comunidade da capoeira. Exemplo disto é a criação do Programa Governamental Capoeira Viva, também em 2006, para difusão da capoeira no mundo (LUNA, 2018).

Com tal esforço institucional era de se esperar que as sementes da capoeira se espalhassem no continente africano, o que em realidade se deu. Receberam apoio do governo brasileiro desde então, não menos do que 24 grupos de capoeira disseminados em 13 países africanos (África do Sul, Angola, Argélia, Benin, Botsuana, Cabo Verde, Marrocos, Quênia, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia, Tunísia, Zimbábue).

Na virada do milênio teve início esta imersão de grupos de capoeira na África, vários

¹ Disponível em: www.capoeira.gov.br; www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-de-capoeira-no-mundo. Acesso em: 24 abr 2022.

apoiados de algum modo pelo Estado brasileiro. Isto se deu descontruindo as fronteiras do mundo lusófono. Mesmo sendo fundamental dominar o português para aprender capoeira, compreender seus códigos e canções, o idioma não condicionou os caminhos de propagação da capoeira. Outras linguagens e símbolos foram utilizados como insumo para cultivar a capoeira. Capoeiristas europeus, estadunidenses, e africanos não lusófonos foram importantes agentes na proliferação da capoeira. O incremento do turismo étnico, da pesquisa acadêmica sobre africanos e suas diásporas (MALOMALO, 2017), e do mercado internacional das artes marciais mistas são também alguns dos fatores que favoreceram esta configuração da capoeira no início do terceiro milênio.

Pastinha foi para o mundo: semente ancestral em florescimento internacional.

Há um conjunto razoável de pesquisas concluídas que buscou investigar aspectos semelhantes em relação à presença da capoeira no norte global (FALCÃO, 2004; GRANADA, 2019). O continente africano tem sido frequentemente pesquisado para buscar compreender as raízes da capoeira (KAMBO, 2018; ASSUNÇÃO, 2019). Pesquisas que focam o presente histórico da comunidade transnacional da capoeira no continente africano ainda estão por consolidar seu espaço (OBI, 2018; VERGOTINE, 2011).

Na busca das assim chamadas “raízes” da capoeira Angola são procurados/as anciãos/ãs vivendo em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos africanos, para encontrar a memória de práticas ancestrais que tenham servido de insumo na geração da capoeira no Brasil. Em paralelo, o perfil dos grupos de capoeira que surgem no continente africano concentra a presença de jovens vivendo nas metrópoles e capitais globalizadas. Algumas dinâmicas sociais destas distintas Áfricas impactam a capoeira que germina. Certos elementos de dispersão e entrelaçamento desta ramificação cultural afrodiáspórica certamente deixarão marcas nesta expansão da capoeira.

A chegada recente da capoeira Angola na África pode ser exemplificada a partir de dois grupos que reivindicam a condição de pertencentes à linhagem do Mestre Vicente Ferreira Pastinha e suas respectivas redes: o núcleo do Grupo Nzinga em Maputo; e o núcleo da Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA) na mesma cidade.

Dentro da comunidade da capoeira há diferentes estilos e linhagens, inspiradas nos ensinamentos de certos/as mestres/as ou escolas. Os três principais estilos de capoeira são Angola, Regional e Contemporânea. Entre os/as angoleiros/as está à linhagem pastiniana (ARAÚJO, 2004). Esta linhagem se distingue na comunidade da capoeira, entre outros aspectos, pela reiterada valorização das heranças culturais africanas. Mestre Pastinha (1889-1981) contava ter aprendido capoeira quando menino com um angolano de nome Benedito. Esta linhagem cresceu ainda mais em importância, após o falecimento de seu fundador, por meio de discípulos que frequentaram sua academia fundada em 1949: O Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). João Oliveira dos Santos (Mestre João Grande), e Pedro Moraes Trindade (Mestre Moraes) são alguns dos mestres de capoeira Angola, ainda em atividade que aprenderam no CECA com Mestre Pastinha².

Mestre Moraes fundou o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) no Rio de Janeiro em 1980, e lá formou seu principal discípulo, Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Em 1982 os Mestres Moraes e Cobra Mansa se juntam com Mestre João Grande em Salvador. Deste trio de discípulos dos ensinamentos de Mestre Pastinha no GCAP vieram aqueles/as que fundaram a FICA, o Nzinga e vários outros grupos de Capoeira Angola.

Mestre João Grande fundou sua academia, o Centro de Capoeira Angola de Mestre João Grande (Capoeira Angola Center), em Nova York em 1992 e segue ensinando do alto de seus 87 anos de idade.

Mestre Moraes segue como líder do GCAP e fundou também, junto com outros mestres, a

2 Tratarei todos/as que atualmente são reconhecidos/as como Mestres/as de Capoeira por esta designação. No entanto, há casos em que, no período do evento descrito, Mestres/as ainda não haviam sido reconhecidos/as desta forma dentro da comunidade da capoeira. Para evitar detalhar a trajetória específica de cada capoeira citado/a através das distintas nomenclaturas hierárquicas utilizadas por grupos, mestres/as, estilos ou linhagens, resumi todos estes códigos às posições de mestre/a e discípulo/a no presente. Como equivalente para discípulo também utilizo neste texto as designações de alunos/as e aprendizes.

Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA) em 1987. Apesar de Mestre Moraes ter se afastado da ABCA nos anos seguintes, esta organização permanece como referência dentro da comunidade de praticantes de capoeira Angola.

Mestre Cobra Mansa, junto com outros dois angoleiros oriundos do GCAP, o Mestre Valmir Damasceno e o Mestre Jurandir Nascimento, criaram a Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA) em 1994. A FICA surgiu neste contexto de difusão da capoeira pelo mundo apresentado no documentário “Mandinga em Manhatam”, que destaca a centralidade do papel do Capoeira Angola Center de Mestre João Grande nesta expansão.

No ano seguinte, em 1995, Rosangela Costa Araújo, a Mestra Janja, fundou com Paula Barreto (Mestra Paulinha) e Paulo Barreto (Mestre Poloca) o Grupo Nzinga de Capoeira Angola (Nzinga). Tempos depois fundaram o Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil (INCAB). Estas Mestras e o Mestre foram aprendizes de capoeira Angola no GCAP, onde treinaram desde o início dos anos 1980.

Mestra Janja e Mestre Cobra Mansa também estiveram no continente africano e, assim como Pastinha, fortaleceram conexões entre a cultura afrobrasileira e a ancestralidade africana através da capoeira Angola.

Representantes do Nzinga participaram de atividades promovidas em Moçambique no bojo da consolidação da CPLP, e de atividades culturais em outros países africanos (Quênia, Tanzânia e África do Sul) com apoio do governo brasileiro. Membros da FICA promoveram atividades culturais relacionadas aos encontros do BRICS na África do Sul, e compuseram a organização da Bow Conference na University of KwaZulu Natal, evento internacional sobre instrumentos monocórdios da família do Berimbau, instrumento emblema da capoeira.

Estes grupos estão integrados a um cenário de intercâmbio em Moçambique, e são pontos de difusão da capoeira Angola nas redes transnacionais de capoeiristas. O Nzinga Maputo é um núcleo do grupo Nzinga de Capoeira Angola³, organização que agrega capoeiristas do Brasil, Colômbia, México, Uruguai, Alemanha, Finlândia, Argentina, Japão, Moçambique e EUA.

Constam como núcleos do Grupo Nzinga de Capoeira Angola: EUROPA – Marburg (Alemanha); Helsink (Finlândia); ÁSIA – Kyoto (Japão); AMÉRICA – Jataí, Brasília, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza (Brasil); Durham, Atlanta (EUA); Cidade do México, Guadalajara (México); Cidade da Costa (Uruguai); Cali (Colômbia); Buenos Aires (Argentina); AFRICA – Maputo (Moçambique).

Já a FICA Maputo é parte desta organização internacional presente em quatro continentes⁴, reconhecida como o maior coletivo de capoeira Angola do mundo. Constam como núcleos da FICA: EUROPA – Berlim (Alemanha); Londres (Inglaterra); Montpellier (França); Pisa, Bologna (Itália); Barcelona, Santiago de Compostela (Espanha); Estocolmo (Suécia); Helsink (Finlândia). ÁSIA – Bangkok (Tailândia); Tóquio (Japão); Seul (Coreia do Sul). AMÉRICA – San José (Costa Rica); Washington DC, Chicago, Seattle, Portland, Bellingham, Birmingham, Philadelphia, Baltimore, Miami, New York, Madison, Havaí, Oakland (EUA); Quebec, Montreal, Vancouver (Canadá); Letícia, Bogotá (Colômbia); Caracas (Venezuela); Salta (Argentina); Cuzco (Peru); Salvador, Belo Horizonte, Pipa, Brasília, Cidade de Goiás, Fortaleza, Florianópolis, Alfenas, Valença (Brasil); ÁFRICA – Maputo (Moçambique).

Os núcleos no Nzinga e da Fica em Maputo, assim como outros grupos de capoeira Angola na África, não constam nos levantamentos da comunidade da capoeira feitos pelo governo brasileiro. Apesar disso, a chegada do Nzinga e da Fica em Moçambique serve para indicar alguns caminhos que o legado de Mestre Pastinha trilhou.

Pastinha foi para a universidade: traduções da oralidade para um cânone literário.

Instituições de amplo prestígio social, entre estas as universidades, tentaram (e tentam) normatizar a capoeira em sua diversidade de expressões, tratando de reger e delimitar sua prática

³ De acordo com informações colhidas no Boletim Informativo Ndaka do Grupo Nzinga de Capoeira Angola.

⁴ Levantamento feito com base nas informações disponibilizadas nos encartes dos CDs da FICA indicados nas referências.

e definição. Trata-se aqui da escolha por considerar os obstáculos para trilhar o caminho contrário, ou melhor dito: focar no esforço para atravessar as barreiras que restringem a ascensão social de quem vem de baixo, carregando no corpo a capoeira como parte da sua identidade e personalidade pública. Este segue sendo um feito excepcional para capoeiristas que vem das camadas sociais mais vulneráveis e, no passado recente, foi ainda mais raro.

O caso de Mestre João Grande tornou-se exemplar para mostrar que o caminho para fugir da pobreza e do abandono, que condenou no passado recente grandes capoeiristas como os mestres Bimba e Pastinha na velhice, passaria daí em diante pelo aeroporto e pelo reconhecimento da academia. Isto não derivou de imediato na redução do reconhecimento e valorização dos saberes preservados nos domínios da oralidade e compartilhados através da tradição pelos/as mestres/as de poucas letras. Foi um orgulho para toda a comunidade da capoeira Angola quando Mestre João Grande recebeu em 1994 o título de Doutor Honóris Causa da Upsalla College, universidade do estado de Nova Jersey nos EUA. Esta era, inclusive, uma resposta aparentemente adequada para desautorizar quem pretendia exigir que, para ensinar capoeira, era necessário ter um diploma universitário.

O Grupo Nzinga, que surgiu em São Paulo três anos depois do doutoramento de Mestre João Grande, foi fundado por duas capoeiristas que são também pesquisadoras: acadêmicas Mestra Janja e Mestra Paulinha. Assim como o outro mestre fundador do Nzinga (Mestre Poloca), estas mestras têm ligações com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde que ali fizeram seus cursos de graduação, o que marcou profundamente o caráter do grupo de capoeira que lideram. O Grupo Nzinga se desenvolveu com múltiplas conexões com o ambiente universitário ao longo dos seus 25 anos.

A trajetória de Mestra Janja também estabeleceu outras conexões para a comunidade da capoeira, por seu destaque em organizações de mulheres negras, feministas, e de militância LGBTQ+ neste período em que as organizações de mulheres negras alavancaram a internacionalização dos Movimentos Negros brasileiros⁵. Tornou-se referência para discussões pertinentes às relações de gênero na capoeira, tanto dentro da comunidade de praticantes quanto no meio acadêmico. Sua dissertação de mestrado sobre a capoeira Angola na Bahia nos anos 1980 e 1990 (defendida em 1999) e sua tese de doutorado sobre a Escola Pastiniana de Capoeira Angola (defendida em 2004) imediatamente após a publicação se tornaram bibliografia indispensável nos estudos sobre capoeira Angola. Foi mentora do evento itinerante “Chamada de Mulher - Encontro Internacional de Capoeira Angola”, que teve sua nona edição em 2019 em Buenos Aires (Argentina) junto com o I Encontro LGBTQ+ de Capoeira Angola.

Quando o governo brasileiro lançou o Portal da Capoeira, em 2006, a categoria “pesquisador” já era um dos modos de entrada para acessar este site, em paralelo com “grupos e entidades”, “capoeiristas” e “publicações”. A forma como o aparato estatal propunha organizar as informações sobre “capoeirista” e “pesquisador de capoeira” de forma equiparada na classificação.

Em novembro de 2013 ocorreu o primeiro Congresso Internacional de Pesquisadores/as de Capoeira, em Cachoeira na Bahia, quando também foi criada a Associação Internacional de Pesquisadores/as de Capoeira. Este é um marco na formulação de um cânone internacional de referências bibliográficas sobre capoeira, e mais especificamente sobre capoeira Angola. Os escritos que compõem o cânone para pesquisar capoeira Angola têm crescido em volume e diversidade, desde os tempos de obras como a de Vicente Ferreira Pastinha (1964) e Valdeloír do Rêgo (1968). Inspirando-se na experiência do GCAP na década de 1980, vários grupos de capoeira Angola dedicaram esforço na composição de uma biblioteca de referência.

Assim como Mestre Pastinha, muitos mestres produziram seus materiais didáticos para o

5 “[...] as lideranças do chamado ‘feminismo negro’ vêm alcançando uma visibilidade sem precedentes no cenário político nacional e internacional (junto ao governo, à mídia, aos movimentos sociais e organismos estrangeiros). Uma expressão disto pode ser constatada a partir das nomeações das ativistas Dulce Pereira Cardoso para a presidência da Fundação Cultural Palmares – órgão do Ministério da Cultura – em 1996, no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, e de Matilde Ribeiro para coordenar a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2003, no governo [...] do presidente Luís Inácio Lula da Silva; além da escolha de Edna Roland, da ONG Fala Preta!, para ser a relatora geral da III Conferência Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e formas correlatas de Intolerância, sob os auspícios da ONU, em Durban (África do Sul), em 2001” (DOMINGUES, 2009, p.45).

ensino de capoeira, ou os/as próprios alunos/as compilaram informações na forma de apostilas que circulam internamente nos grupos. Além dos depoimentos autobiográficos apresentados em trechos entremeados por canções em álbuns de capoeira, um formato bastante utilizado desde “Capoeira Angola: Mestre Pastinha e sua academia” de 1969, e de depoimentos contidos em documentários como “Pastinha: Uma vida pela Capoeira”, de 1998, aparece outra forma de registro: livros autobiográficos de depoimentos de mestres/as de capoeira Angola. É o caso do livro de depoimentos de Washington Bruno da Silva ou Mestre Canjiquinha (discípulo de Antônio Raimundo ou Mestre Aberrê), de título “Canjiquinha: A alegria da Capoeira”, publicado em 1989; da autobiografia “Histórias e recordações da vivência de Mestre Curió”, de Jaime Martins dos Santos ou Mestre Curió, publicado em 2010 (discípulo de Mestre Pastinha); e do livro “Vida e Obra” de Jorge Egídio dos Santos ou Mestre Jogo de Dentro (discípulo de Mestre João Pequeno), também publicado em 2010.

A partir da década de 1990 começam a ser publicados os manuscritos de mestres já falecidos como Pastinha e Noronha, que atualmente podem ser facilmente encontrados para baixar na rede mundial de computadores. Os manuscritos de Daniel Coutinho, o Mestre Noronha, foram publicados em 1993.

Quando Mestre Cobra Mansa defendeu sua tese em setembro de 2019, apresentando os resultados de sua pesquisa realizada em Angola e Moçambique, Mestra Janja estava na sua banca. O mesmo Mestre Cobra Mansa, que havia ensinado para Mestra Janja no GCAP e que anos depois a reconheceu como Mestra de capoeira, teve então esta mesma Mestra Janja compondo sua banca na defesa de doutorado.

A transmissão da defesa da tese de doutorado de Mestre Cobra Mansa ocorreu ao vivo em pelo menos duas plataformas (Youtube⁶ e Facebook⁷), assistido e compartilhado em um incontável número de endereços virtuais. Presentes naquele auditório abarrotado, mestres/as e pesquisadores/as participaram de um momento catártico na comunidade da capoeira Angola. A principal liderança do maior grupo de capoeira Angola do mundo recebeu seu título de doutor, em uma universidade da Bahia, com uma tese sobre capoeira baseada em sua pesquisa realizada na África. A pesquisa que serviu de base para a tese de Mestre Cobra Mansa resultou de sucessivas viagens para terras africanas e contou com a participação de pesquisadores/as de outras partes do mundo.

Um encontro de tantas conexões distintas em um só ponto sugere que um outro ciclo se manifestou. Este ciclo quiçá se anunciara nos ensinamentos do pesquisador congolês das culturas banto Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau, quando este palestrou em Salvador, em 1997⁸, durante as atividades do III Encontro Internacional de Capoeira Angola da FICA. Aquela foi a primeira de várias vezes em que Fu Kiau veio ao Brasil a partir de então.

A obra de Fu Kiau, pesquisador que faleceu em 2013 e era radicado nos EUA desde a década de 1970, tem servido de referência para pesquisar conexões entre diferentes expressões culturais da diáspora africana no Brasil – como o candomblé de Angola e a capoeira Angola – desde a década de 1990. Antes de Mestre Cobra Mansa, com sua tese estruturada a partir de elementos do pensamento de Fu Kiau, Valdina de Oliveira Pinto ou Makota Zimewaanga Valdina (1943-2019) foi responsável pela tradução da cosmologia bantu-congolesa a partir do estudo deste pensador no Brasil. Makota Valdina também ensinou o português brasileiro para pesquisadores/as estrangeiros de toda parte do mundo em passagem pelo Brasil, tendo sido responsável por apresentar e traduzir para estes/as inúmeros aspectos da cultura afro-brasileira.

A publicação da autobiografia de Makota Valdina foi lançada no Forte de Santo Antônio Além do Carmo em 2013, a mesma construção que é conhecida mundialmente como Forte da Capoeira. O mesmo forte que foi um dos espaços onde ocorreu a reorganização da Capoeira Angola liderada

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k6Y1FngJOP0>; https://www.youtube.com/watch?v=IK_rVpGqNII Acesso em 24/04/2022.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ujfDSttROW0>; https://www.youtube.com/watch?v=Vm1vAC_TS3I Acesso em 24/04/2022.

7 Disponível em: <https://www.facebook.com/alex.ratts/posts/10214793943302403> Acesso em 24/04/2022; <https://www.facebook.com/groups/10742924786/permalink/10157497778539787> Acesso em 24/04/2022.

8 Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/05/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html> Acesso em 24/04/2022.

pelos mestres Moraes, Cobra Mansa e João Grande na década de 1980. O mesmo forte onde os Mestres Poloca e Valmir e as mestras Janja e Paulinha treinaram no GCAP durante os anos finais da ditadura militar no Brasil. Tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1981, em 2007 o Forte da Capoeira foi nomeado também como Centro de Referência, Pesquisa e Memória da Capoeira da Bahia, e passou a ser gerido pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) do Governo da Bahia.

A categoria “pesquisa” foi incluída na nomenclatura oficial do Forte da Capoeira pelo governo do estado da Bahia apenas um ano depois que o portal da Capoeira indicava a figura do “pesquisador” como sumamente relevante para a gestão federal do patrimônio cultural da capoeira.

O GCAP tem sua sede presente no Forte da Capoeira desde 1982, apesar das várias reformas e transformações que esta edificação recebeu. Outro importante discípulo de Mestre Pastinha, João Pereira dos Santos ou Mestre João Pequeno de Pastinha, ensinou capoeira em sua academia “Centro Esportivo de Capoeira Angola Mestre João Pequeno de Pastinha” (CECA), no Forte, desde 1982 até seu falecimento em 2011. A presença do CECA foi crucial para a gradual transformação do Forte de Santo Antônio em Forte da Capoeira, e da retomada e difusão da capoeira Angola pelo mundo. No entanto, o reconhecimento da contribuição deste Mestre pela universidade veio tardiamente, apenas oito anos antes de seu falecimento aos 93 anos.

Em 2003, nove anos depois do reconhecimento concedido a Mestre João Grande, Mestre João Pequeno de Pastinha recebeu seu primeiro título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Uberlândia. Cinco anos depois quem o agraciou com esta honra foi a UFBA, atendendo ao pedido de um de seus discípulos e pesquisadores de capoeira. Foi Pedro Rodolfo Jungers Abib ou Mestre Pedro Abib, professor da UFBA desde 1993, aluno de mestre João Pequeno desde 1995, quem entrou com o pedido para o reconhecimento de Mestre João Pequeno como doutor naquela universidade.

Mestre João Pequeno recebeu em vida também os títulos de: Cidadão da cidade de Salvador da Câmara Municipal daquela cidade em 1998; Comendador da Ordem do Mérito Cultural da República Federativa do Brasil das mãos do então presidente Luis Inácio Lula da Silva em 2003; Grão-Mestre da Ordem do Mérito Palmares do governo do estado de Alagoas em 2007. Após seu falecimento, inúmeras homenagens continuam sendo prestadas em sua memória.

Além do GCAP de Mestre Moraes, e do CECA de Mestre João Pequeno - atualmente coordenado por Mestra Nani de João Pequeno, Mestre Aranha e Mestre Zóinho -, estão presentes no Forte da Capoeira outras quatro academias de capoeira Angola e uma de capoeira regional. As quatro academias de capoeira Angola são: a Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos (ECAIG), de Mestre Curió; Academia de Capoeira Angola da Bahia, fundada por Manoel Silva ou Mestre Boca Rica; Grupo de Capoeira Angola Pai & Filho, fundada por Natalício Neves da Silva ou Mestre Pelé da Bomba; e o Centro de Cultura da Capoeira Tradicional Bahiana, fundado por José Luís Oliveira Cruz ou Mestre Bola Sete. Aí está também a academia da Escola de Capoeira Filhos de Bimba, de Capoeira Regional, fundada por Manoel Nascimento Machado ou Mestre Nene⁹.

Mestre João Grande, que também acompanhou Mestre Pastinha na comitiva para o Festival Mundial de Artes Negra em 1966, recebeu a honraria da Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural das mãos do então Ministro da Cultura, Juca Ferreira, em 2015.

Por estas coincidências que levam a reflexão, no mesmo ano do falecimento de Makota Valdina, foram defendidas as teses de doutorado de Mestre Cobra Mansa e de Tiganá Santana Neves. O doutorado de Tiganá Santana em Letras (Tradução), sobre a obra de Fu Kíau, contém uma tradução inédita para o português do texto “Cosmologia Africana dos Bantu-Congo: Princípios de vida e vivência” publicado originalmente em inglês em 1980, além de um fragmento de uma entrevista com Makota Valdina realizada em 2018.

Pastinha foi para as redes: crises e desafios na comunidade virtual.

O acervo de técnicas para estabelecer a relação ensino-aprendizagem na capoeira foi acrescido gradualmente deste os anos 1980 de livros, telas, conexões, páginas e servidores entre

9 Mestre Nene é discípulo e filho carnal de Manoel dos Reis Machado ou Mestre Bimba, criador da Luta Regional Bahiana, que depois ficou conhecida como Capoeira Regional.

seus praticantes. Estas mudanças arrastam consigo um debate infindo. Muito se discutiu sobre o impacto das plataformas virtuais no modo como o conhecimento sobre a capoeira tem sido acessado, assim como não é recente a sugestão do rompimento do vínculo de autoridade entre mestres/as e discípulos/as através de manuais de capoeira sem-mestre/a ou grupo, considerando as múltiplas implicações que isto pode carregar (MATA, 2001).

As estratégias de transmissão intergeracional nesta comunidade transnacional estão sendo reestruturadas pelo impacto das tecnologias de comunicação nos modos de participação. Neste momento, em razão das restrições impostas pela pandemia de Covid 10, as conexões entre capoeiristas no mundo estão fazendo uso dos encontros via rede como nunca antes. Os treinos e encontros virtuais têm sido uma estratégia bastante utilizada para ajudar a garantir a sustentabilidade de mestres/as e grupos que estão com suas atividades suspensas pela quarentena. Ao mesmo tempo em que as atividades de interação face a face estão impedidas ou seriamente restritas, aprendizes no mundo todo estão tendo até mais acesso aos/as mestres/as do que em períodos anteriores. Mestres/as como Cobra Mansa ou Janja estão presentes em transmissões em tempo real gratuitas quase toda semana, desde o início da pandemia de Covid 19. Outros/as mestres/as mais idosos/as, muitas vezes com pouca ou nenhuma intimidade com as novas tecnologias de comunicação, estão se adaptando com severo esforço para continuar sustentando seus grupos de capoeira. Muitos/as discípulos/as também têm feito campanhas virtuais para arrecadar recursos para ajudar a sustentar seus/uas mestres/as e suas academias.

As desigualdades também se manifestaram nestes ambientes virtuais de aprendizado. Do mesmo modo que anteriormente as condições econômicas estabeleceram diferenças nas possibilidades de circulação dentro da comunidade da capoeira pelo mundo, o acesso a equipamentos eletrônicos de qualidade, à conexão de internet rápida e estável, estão se tornando diferenciais para a participação nas interações virtuais que tomaram a comunidade transnacional da capoeira.

A diferença de gerações, que configurava um fator de prevalência dos/as mais velhos/as e experientes na roda de capoeira, está sendo redimensionado neste contexto. A língua portuguesa, base para o aprendizado da capoeira, é menos do que secundária no domínio das ferramentas virtuais de comunicação em rede. Isto significa apontar que, em um contexto no qual aqueles/as mestres/as estão sendo impelidos/as a utilizar esta tecnologia para acessar seus/uas discípulos/as, quem domina mais de uma língua multiplicou sua vantagem.

Discípulos/as e mestres/as que dominam a língua inglesa, idioma predominante nas interações do mundo virtual, estão agora mais um passo adiante também dentro da comunidade da capoeira que se fez mundial a partir do Brasil. Talvez mais exemplos de resistência como o de Mestre João Grande, que vivendo nos EUA por quase 30 anos permanece ensinando capoeira somente em português se multipliquem. Talvez. Considerando este contexto, em que a oferta de aulas de capoeira pela internet, com falantes de diversos idiomas se multiplicando, seguir o exemplo de Mestre João pode parecer pouco provável e cada vez mais ousado. No caso do Capoeira Angola Center, os/as discípulos/as do Mestre João Grande espalhados/as pelo mundo têm feito, semanalmente, eventos virtuais pagos para arrecadar recursos. Ao mesmo tempo que isto tem contribuído para a sustentabilidade do mestre e de sua academia em Nova Iorque, projetou evidência para discípulos/as que passaram a ser transmitidos para o mundo em eventos diretamente associados ao nome de João Grande.

As distinções produzidas como consequência da desigualdade nos níveis de acesso à educação formal dentro da comunidade da capoeira ganharam novos significados. Mesmo antes do início da pandemia, alguns poucos capoeiristas que alcançaram destaque na academia tiveram sua visibilidade reforçada na comunidade da capoeira. Apesar de iniciativas que buscaram modificar este quadro, era uma ocorrência excepcional que um adepto desta prática socialmente marginalizada adentrasse o espaço prestigiado das universidades no Brasil. Há pesquisas que vão reforçar esta compreensão da capoeira como uma comunidade que desde muito cedo recebeu em seu meio pessoas oriundas da elite. Por mais inverossímil que possa parecer para incautos/as, há exemplos bem documentados de capoeiristas que “nasceram em berço de ouro” ou até mesmo na nobreza dos tempos do império (MOURA, 2009).

As desigualdades e conflitos entre gerações, gêneros, classes sociais, grupos raciais,

nacionalismos e os regionalismos mais intolerantes também atingiram a comunidade da capoeira nesta crise.

Em vídeo divulgado em junho de 2020, do Mestre Ferradura¹⁰, um dos mais conhecidos entusiastas do “Movimento Novo”¹¹, produziu uma intensa reação em cadeia dentro da comunidade da capoeira. Proclamando que a velha capoeira morreu de corona, defendeu efusivamente o uso das ferramentas virtuais para o aprendizado de capoeira, chamando o YouTube de Contramestre, o Instagram de Mestre, e a internet de Grão-Mestre. Omir Ferradura Breda, presidente e criador do Instituto Brasileiro de Capoeira-Educação (IBCE)¹², recebeu o título de mestre de capoeira das mãos de Henrique Anastácio de Jesus ou Mestre Marrom em 2010¹³. Ferradura é graduado em pedagogia e especializado em educação infantil, e vem dedicando ênfase a utilização das redes virtuais para o ensino de capoeira, especialmente para crianças.

Entre as muitas manifestações emitidas em resposta as afirmações de Ferradura, destaca-se a transmissão organizada por Mestre Roxinho¹⁴, da Escola de Capoeira Angola Mato Rasteiro (ECAMAR), com mais de 20 lideranças da comunidade da capoeira, de diversos grupos e linhagens, inclusive a Mestra Janja e o Mestre Marrom. Nesta resposta coletiva, realizada ainda no início de junho/2020, durante quase quatro horas, mestres/as e discípulos/as foram congruentes em ressaltar o respeito à ancestralidade enquanto herança da cultura de matriz africana que constitui fundamento da capoeira¹⁵ (VIDOR, 2013).

Algumas tensões cresceram ou se renovaram com o alcance das redes sociais e o aumento do uso destas ferramentas na interação entre participantes da comunidade da capoeira no mundo. Muito do que era dito discretamente no pé do berimbau, ou na beira das rodas, através de cochichos ou rumores durante eventos fechados de capoeira, agora brota nas redes sociais como efeito desta doença que prende as pessoas em casa. Outro exemplo recente das implicações da utilização das redes para tratar de disputas que antes estavam reservadas aos bastidores da capoeira, foram as polêmicas e agressivas declarações de Mestre Moraes durante transmissão via Facebook realizada em julho de 2020, que segue crescendo em número de visualizações e comentários¹⁶. Mestre Moraes acusou Mestra Janja de não ser Mestra de Capoeira Angola, questionando o reconhecimento feito a ela por Mestre Cobra Mansa. Também levantou suspeitas sobre a idoneidade de Mestre Cobra Mansa na relação com os/as africanos/as que participaram da sua pesquisa. Acusações com este mesmo nível de gravidade foram distribuídas contra vários/as de seus ex-alunos/as e discípulos/as que passaram pelo GCAP e se tornaram lideranças em outros grupos de capoeira Angola.

Parte do protesto apresentado pelo Mestre Moraes reivindica abertamente espaço e reconhecimento da sua trajetória nos trabalhos acadêmicos sobre capoeira Angola. Ademais de querer retomar sua autoridade como Mestre de outros/as Mestres/as, e se apresentar como informante privilegiado para outros/as pesquisadores/as de capoeira, Mestre Moraes reivindica o reconhecimento enquanto pesquisador prestes a concluir seu doutoramento, usando de sua visibilidade nas redes sociais da capoeira para impor sua presença no debate acadêmico com aqueles/as com quem não consegue mais dialogar. Exige ser reconhecido como pesquisador de capoeira, assim como outros/as que vieram depois dele na comunidade da capoeira já fizeram.

Mestra Dandara Baldez, do Grupo de Capoeira Angola Canzuá¹⁷, lançou nas redes sociais em dezembro de 2020, uma denúncia de violência sexual contra o Mestre Cobra Mansa¹⁸. Seu

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81WGB04dw-g> Acesso em 24/04/2022

11 Disponível em: <https://capoeirariodejaneiro.com.br/geral/movimento-novo/> Acesso em 24/04/2022

12 Disponível em: <https://capoeiraibce.com/> Acesso em 24/04/2022

13 Mestre Marrom é o fundador do Grupo de Capoeira Angola Ngoma, que tem sede no Rio de Janeiro. Foi aluno de Isac Inácio da Silva ou Mestre Angolinha (Ex-GCAP). Mestre Angolinha é a liderança do Grupo de Capoeira Angolinha (GCANG).

14 Mestre Roxinho é radicado em Sidney na Austrália, onde fundou o ECAMAR em 1998. Seu mestre é Virgílio de Espinho Remoso, que completou 67 anos de capoeira em 2020.

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vKiCKSwygXY> Acesso em 24/04/2022

16 Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?v=583490902338828¬if_id=1595030526970235¬if_t=live_video_explicit Acesso em 24/04/2022

17 O Centro Cultural Canzuá de Angola Ubuntu (CCCAU) foi fundado por Alberto Pereira de Abreu ou Mestre Euzamor, em São Luiz do Maranhão em 1987. Mestre Euzamor é discípulo de Anselmo Barnabé Rodrigues ou Mestre Sapo, que por sua vez foi discípulo de Mestre Canjiquinha.

18 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUfFH7Ij9Gk&feature=youtu.be> Acesso em 24/04/2022

depoimento, apesar de não acusar explicitamente o Mestre, permitiu que rapidamente fosse identificado na comunidade da capoeira.

Em dado momento os questionamentos feitos a partir da denúncia passaram a reverberar não somente no Mestre, mas também na FICA enquanto instituição em todos/as os/as seus/uas discípulos/as em outros grupos de capoeira Angola. As Mestras Janja e Gegê foram particularmente atacadas por sua proximidade com o Mestre Cobra Mansa, e questionadas publicamente nas redes em seu compromisso na luta pela promoção dos direitos das mulheres. Em março de 2020, Mestre Cobra Mansa fez circular nas redes de Whatsapp um vídeo e a carta que segue:

Peço apenas que me ouçam (antes de me julgar)

Eu reconheço a luta das mulheres, pois tenho a convicção e conhecimento de que lutam por uma causa legítima, no sentido de impedir que atuem como coadjuvantes quando, em verdade, deveriam também ser protagonistas. Isso não quer dizer que consegui me livrar totalmente dessa cultura machista na qual fui educado desde pequeno.

Gente, em relação ao assunto que diz respeito à Dandara, tudo não passou de um grande mal-entendido. Foi um erro de julgamento meu, e só. O erro de julgamento veio do contexto no qual nos encontrávamos, que eu não quero tornar público para não expor mais pessoas e causar a estas pessoas o mesmo dano pelo qual venho sofrendo diante das conclusões e indagações completamente equivocadas. Nunca pensei que passaria por um “julgamento social” sem sequer ser ouvido; será que hoje sou eu quem precise lutar para comprovar minha idoneidade, que sou uma pessoa íntegra?! Pois bem, o contexto no qual se deu o mal-entendido pode explicar a situação pela qual me julgam sem saber, mas admito, nunca adotei, nem insisti, em qualquer postura inapropriada que viesse a ferir a honra da Dandara. É fato que nós homens precisamos escutar nossas irmãs e companheiras, e tento escutar. Como é que nós mudamos? Como é que podemos juntos mudar essa cultura de masculinidade falsa? Eu não sei as respostas certas, mas eu sei que é o trabalho de todos nós, e como mestres e mestras, temos mais responsabilidades, inclusive para não disseminarmos a cultura do ódio e do banimento social sem que antes seja dada a oportunidade do diálogo, e não do monólogo.

Então não omito que houve um grande mal-entendido com a Dandara, de modo que este mal-entendido foi rapidamente corrigido, tanto assim que tivemos uma reunião com ela e três outras pessoas em 2017, na qual demos o assunto por encerrado, mas neste momento - quase 03 anos depois -, começou essa campanha contra mim, por razões que não me parecem idôneas. Estão me transformando num assediador sistemático. Até pessoas que não me conhecem estão me julgando e me massacrando. Se coloquem no lugar do outro, usem a empatia; vocês gostariam desse tipo de julgamento sem ao menos serem ouvidas, sem que os fatos fossem apurados? Claro que não!

A pergunta que eu gostaria de colocar para quem me conhece: De todos os eventos que eu participei ao longo de muitos anos, de todos os mestres e mestras que organizaram esses eventos... tem alguma mestra ou mestre que pode reclamar do meu comportamento com suas alunas? Peço que se

manifestem para que as pessoas que estão me julgando possam ouvir outras vozes. Eu tenho plena consciência do que realmente aconteceu, e do que são acusações falsas.

Agradeço sua atenção e a possibilidade de falar a minha versão dos eventos.

Mestre Cobra Mansa¹⁹

Circularam pela internet várias listas de assinaturas de pessoas e entidades da capoeira manifestando apoio à Mestre Dandara²⁰ e pedindo punição para o Mestre Cobra Mansa²¹. O Grupo Nzinga lançou uma nota²² reafirmando sua posição contrária a qualquer forma de violência de gênero, sem abordar diretamente o caso. Esta denúncia foi o estopim para que uma série de situações de violência de gênero, envolvendo outros homens dentro da capoeira Angola, fosse debatida na comunidade.

O tema da violência contra as mulheres e da LGBTQfobia na capoeira vem sendo trazido à tona pelos coletivos de mulheres capoeiristas ao menos desde os anos 1990. Porém foi somente com a ferida que foi exposta no âmbito desta comunidade na denúncia contra uma de suas principais lideranças, que uma mobilização coletiva de homens surgiu.

Dentro do Grupo Nzinga um coletivo de homens mobilizou-se para enfrentar a opressão de gênero e o machismo que, sabidamente, estão presentes na capoeira. Alguns mestres convidados pelo Mestre Roxinho, também tem se reunido para formular ações de combate à violência contra as mulheres na capoeira.

O caso da denúncia contra o Mestre Cobra Mansa ainda não se concluiu, o episódio deixou em crise a comunidade transnacional da capoeira Angola, em especial todas as pessoas com vínculos com o mestre Cobra Mansa. No entanto, oportunizou tirar da invisibilidade denúncias de violência sexual dentro da comunidade da capoeira e forçar um debate mais amplo sobre o modo como a violência e o desrespeito perpetrado por homens tem atingido as mulheres. A urgência em tornar o espaço da capoeira um espaço seguro para o corpo das mulheres se estabeleceu como pauta nestas discussões na rede. Capoeiristas solidários com suas camaradas capoeiristas aceitaram o desafio de se engajar na luta pelo fim da violência contra as mulheres.

Considerações: Fim inconcebível.

Do ponto de vista da relação do Estado brasileiro com a Comunidade da Capoeira, houve enormes retrocessos como resultado da eleição de um governo de extrema direita para a presidência da república em 2018. Voltou a ser discutido no legislativo federal o projeto de profissionalização da capoeira, através da apresentação Projeto de Lei nº 3640 de 2020, de autoria do deputado Lafayette de Andrada, do Partido Republicanos. Este esforço de normatização da capoeira objetiva tirar dos/as mestres/as e grupos a autonomia em sua organização, e pretende concentrar o controle sobre a prática e o ensino de capoeira.

Foram abandonados os esforços institucionais que vinham sendo feitos pelo governo federal para a aproximação e cooperação com países do continente africano pela diplomacia brasileira. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil assumiu uma posição alinhada com a agenda da política externa dos EUA durante o governo de Donald Trump. Com a derrota de Trump nas eleições estadunidenses de 2020 se aprofundou o isolamento internacional do Brasil. Na política externa brasileira foram enfraquecidos acordos multilaterais, a exemplo do BRICS e da CPLP, dando lugar a prevalência de acordos binacionais, preferencialmente com países que estejam sob governos conservadores ou de orientação política de direita.

19 Disponível em: <https://matumbecapoeira.com/portal-capoeira/mestre-cobra-mansa-o-outro-lado-da-moeda/> Acesso em:

20 Disponível em: <https://mariasfelipas.com/2020/03/18/carta-de-repudio/> Acesso em 24/04/2022

21 Disponível em: <https://portalcapoeira.com/wp-content/uploads/2020/04/MANIFESTO-DAS-MULHERES-DO-GT-SSA-RMS-SALVAGUARDA-BAHIA.pdf> Acesso em 24/04/2022

22 Disponível em: <https://www.facebook.com/grupo.nzinga.5/posts/2786656518054245> Acesso em 24/04/2022.

Na política cultural do país, nem sequer existe mais um Ministério da Cultura, tendo sido fragilizadas todas as iniciativas de fomento e apoio para a Comunidade da Capoeira que dependiam de algum recurso oriundo do governo federal. Talvez o caso mais emblemático destes tempos de ódio seja a situação extrema da Fundação Cultural Palmares. A Palmares, desde sua fundação em 1988, tem a missão institucional de oferecer apoio às manifestações culturais dos afro-brasileiros. Neste momento tem na sua gestão um diretor que utiliza da instituição para promover o combate aos Movimentos Negros Brasileiros, atacar os candomblés e detratar até a memória de Zumbi dos Palmares, líder quilombola que comandou a comunidade que dá nome à instituição.

Como não poderia deixar de ser, quem está em um contexto social desfavorável tem muito mais a perder do que aqueles que desfrutam dos meios para adaptar-se em contextos difíceis. Aos/as antigos/as mestres/as, detentores/as do saber que sustenta esta comunidade de aprendizado, um desafio a mais no outono da vida. Para quem mora nas regiões mais pobres, dos países ou cidades com estrutura tecnológica precária, e encontrou na capoeira um caminho para a ascensão social, outro gargalo está posto.

Os encontros com outras vivências e compreensões da segregação/integração estão reformulando as regras de sociabilidade estabelecidas pelos/as mestres/as nas fases anteriores de difusão da capoeira (ROBITAILLE, 2014). Quais perspectivas estão sendo gestadas para que a comunidade da capoeira siga circulando esta pulsão de vida em meio aos regimes de necropoder e brutalismo²³ que atingem os corpos (MBEMBE, 2020)? Oxalá a vitalidade desta comunidade transoceânica, entrelaçada com outras identidades africanas e diaspóricas, consiga nutrir esta grande árvore semeada por Benedito.

É atribuída ao Mestre Pastinha certa definição da Capoeira Angola como “Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”.

Talvez a energia coletiva que move esta tradição cultural se faça ainda maior nesta adversidade. Tecnologias de cuidado transmitidas por gerações, estão sendo acionadas durante a atuação de grupos de capoeira que ajudaram a mitigar os efeitos da pandemia junto às populações mais vulneráveis, com ações para arrecadação e distribuição de alimentos, itens de proteção e higiene pessoal, como fizeram por exemplo os núcleos do Grupo Nzinga em Salvador, Atlanta e São Paulo.

Capoeiristas do Nzinga Maputo, aprendizes do Contramestre Gabriel Lima Verde²⁴, adicionaram aos ensinamentos de capoeira Angola, que ele levou do Brasil, outros elementos. Alguns destes elementos vêm sendo absorvidos pelos demais núcleos do Grupo Nzinga, em especial na forma de canções executadas nos treinos e rodas. No mais recente álbum de músicas do Grupo Nzinga “Capoeira de Abrigaçã”, lançado no início de 2020, capoeiristas do Nzinga Maputo cantam duas canções: a terceira canção do álbum “Tiyende Pamodzi”; e “Waya Ka Moto”, faixa oito do álbum. No encarte consta que as gravações da faixa das canções performatizadas pelo Nzinga Maputo foram realizadas entre 2011 e 2015. O álbum conta a “memória sonora” do Grupo Nzinga, com a participação de integrantes de núcleos no Brasil e exterior, além da parceria com o Terreiro de Candomblé Casa dos Olhos do Tempo que Fala da Nação Angolão-Paketan. Este Terreiro contribuiu com as músicas que estão na voz de Jorge Barreto dos Santos ou Taata Mutá Imé: a primeira faixa, Saudação a Mutá Lambô; a quinta faixa, Saudação a Kitembu; e a última faixa, a décima do álbum, Saudação a Lemba.

Outra versão da canção “Saudação a Mutá Lambô” foi registrada anteriormente no álbum promocional dos 20 anos do Grupo Nzinga lançado cinco anos antes, também na voz da Taata Mutá Imé.

Isto tem um enorme significado, considerando que o repertório musical herdado do passado é um dos acervos mais sacralizados pelos grupos de Capoeira Angola. A capoeira que o grupo Nzinga levou para Moçambique e para o Terreiro de Candomblé voltou com “algo mais” nesta interação. Este “algo mais” foi reconhecido e prestigiado. O jogo permanece sem perder o ritmo. Capoeiristas

23 Disponível em: <https://www.pragmatismos.com/post/brutalismo-do-antropoceno> Acesso em 24/04/2022

24 Este é o único momento do texto em que utilizo a designação contramestre. A intenção é destacar que, apesar de Lima Verde ter alunos/as no Nzinga Maputo, de acordo com o entendimento de seus/uas mestres/as no Grupo Nzinga, ele ainda não alcançou a condição de mestre.

e pesquisadores/as estão fazendo, através da Capoeira Angola, outras conexões com as diversas Áfricas vivenciadas agora, cruzando o Atlântico pelas redes, espalhando sementes que carregam em si a força da ancestralidade para o futuro de um outro florescer.

Referências

TEXTOS

ABIB, P.R.J. **Capoeira Angola**: Cultura Popular e o Jogo dos saberes na roda. Campinas: Unicamp/Salvador:Edufba, 2005.

ALVES, A. **Casa dos Olhos do Tempo que fala da Nação Angolão Paketan Kunzo Kia Mezu Kwa Tembu Kisuelu Kwa Muije Angolão Paketan**. Salvador: Asa Foto, 2010.

ALVES, C.C. Centenário do Mestre João Pequeno de Pastinha: Etnografia e reflexões sobre a Capoeira Angola. **Revista Semina** V. 17, N.º 1, 2017.

ARAÚJO, R.C. **Iê, viva meu mestre**: A Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa. Tese de doutorado em Educação. São Paulo: USP, 2004.

ARAÚJO, R.C. **É preta, Kalunga**: A capoeira angola como prática política entre os capoeiristas baianos (Anos 80-90). Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

ASSUNÇÃO, M.R. **Capoeira**: From Slave Combat Game to Global Martial Art. Oxford Research Encyclopedia of Latin American History. Londres, 2019.

BRITO, C. Berimbau's "use value" and "exchange value": Production and consumption as symbols of freedom in contemporary global Capoeira Angola. **Vibrant**.V9 n.2, 2012.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da Capoeira Baiana**: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985). Tese de doutorado em História defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2008.

CASTRO, M.B. **Mestre João Grande**: na roda do mundo. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

COUTINHO, D. **O ABC da Capoeira Angola**: os manuscritos de Mestre Noronha. Brasília: Centro de Informação e Documentação sobre Capoeira, 1993.

DETTMANN, C. **History in the making**: a Ethnography into the Roots of Capoeira Angola. The world of music (New Series) Vol. 2 Nº 2 Transatlantic Musical Flows in The Lusophone World. Berlin: Departamento de Musicology Georg August Universität Göttingen, 2013.

DOMINGUES, P. Entre Dandaras e Luisas Mahins: Mulheres Negras e anti-racismo no Brasil. In PEREIRA, A. M; SILVA, J. (org.). **O Movimento Negro Brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

DOWNEY, G. **Capoeira as an art of Living**: the aesthetics of a cunning existence. In GILBERT, Keith. **Fighting: intellectualising combat sports**. Illinois: Commom Grouch Publishing, 2014.

FALCÃO, J.L.C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese de Doutor em Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

FONSECA, V.; VIEIRA, L.R. **Construction d'un dialogue**: la capoeira et les relations avec l'État brésilien en débat. Cultures-Kairós. (On Line) Capoeiras? Objets sujets de la contemporanéité, Théma, Mis à

jour le 2012.

GRANADA, D. Práticas em movimento: a pesquisa de campo no caso da capoeira fora do Brasil. **Revista Sociedade e Cultura** Vol.22 nº1 jan/jun. Goiânia: UFG, 2019.

HARDIE, M. **Tangible Connections in Capoeira**: A conscious Attempt to build the visual atmosphere of South African Capoeira. Durban: DUT, 2012.

KAMBON, Qbádélé. Afrikan=Black Combat Forms Hidden in Plain Sight: Engolo/Capoeira, Knocking-and-Kicking and Asafo Flag Dancing. **Africology: The Journal of Pan African Studies**, vol.12, no.4, Accra: October 2018.

LUNA, E.S. Os jogos políticos da capoeira: Análisis de la política cultural nacional e internacional sobre la Capoeira. **Capoeira Revista de Humanidades e Letras**.Vol.4 Nº2. São Francisco do Conde: UNILAB, 2018.

MALOMALO, B. Estudos africana ou novos estudos africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil. **Capoeira Revista de Humanidades e Letras** Vol.3 Nº. 2. São Francisco do Conde: UNILAB, 2017.

MATA, J. **A liberdade do Corpo**: Soma, capoeira angola e anarquismo. Rio de Janeiro: Coletivo Anarquista Brancaléone/ São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

MBEMBE, A. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1. Salvador: CEAO-UFBA, 2001.

MBEMBE, A. **Brutalisme**. Paris: La Découverte, 2020.

MOURA, J. **A Capoeiragem no Rio de Janeiro através dos Séculos**. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2009.

OBI, M.T.J.D. **Angola e o Jogo de Capoeira**. Antropolítica nº 24 sem. 1 Niterói: Uff, 2008.

PASTINHA, V.F. Capoeira Angola por Mestre Pastinha. Salvador: Ed. do autor. 1964.

PEÇANHA, C.F. **Capoeira Angola**: Ginga e Ancestralidade. Salvador: Barro do Chão, 2019.

REGO, W. **Capoeira Angola**: Ensaio Sócio-Etnográfico. Rio de Janeiro: Gráfica Lux, 1968.

ROBITAILLE, L. Promoting Capoeira, Branding Brazil: A Focus on the Semantic Body. **Black Music Research Journal**. Vol. 34, No. 2.Chicago, 2014.

RUFINO, L.; PEÇANHA, C.F.; OLIVEIRA, E. Pensamento diaspórico e o “ser” em ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira. **Capoeira Revista de Humanidades e Letras** Vol.4 Nº. 2. São Francisco do Conde: UNILAB, 2018.

SANTOS, J.M. **Capoeira Angola**: histórias e recordações da vivência de Mestre Curió. Salvador: Fast Design, 2010.

SANTOS, J.E. **Jogo de Angola**: vida e obra. Salvador: Ed. do Autor, 2010.

SANTOS, T.S.N. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese de Doutorado em Letras (Estudos da Tradução). São Paulo: USP, 2019.

TAVARES, J.C.S. Colonialidade do poder, cooperação internacional e racismo cognitivo: desafios ao desenvolvimento internacional compartilhado. In D'ADESKY, J.; SOUZA, M.T. (Org.). **Afro-Brasil Debates & Pensamentos**. Rio de Janeiro: Cassara, 2015.

VERGOTINE, B. **'An old martial art returns to its African roots'**. The Times, 10 Jan. 2011.

DVDs

FARIA, L. **Mandinga em Manhattan**: como a capoeira se espalhou pelo mundo. Documentário de Lázaro Faria, 2007. 56 minutos.

ABIB, P. **O velho capoeirista**: Mestre João Pequeno. Direção e roteiro de Pedro Abib. 1998. 23 minutos.

CDs.

Aos mestres. Fundação Internacional de Capoeira Angola - Rio de Janeiro. 2000.

Capoeira Angola: Mestre Pastinha e sua Academia. Mestre Pastinha. CD Mestre Pastinha Eternamente + Revista Praticando Capoeira. Edição Especial nº 4. 2001.

Das voltas que o mundo deu, as voltas que o mundo dá. Mestres Cobra Mansa, Jurandir e Valmir. Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA BA. 2006.

Mestres Navegantes. Bahia vol. 2 Capoeira Angola 2. Grupo Nzinga de Capoeira Angola (Faixas 1 a 5)/ Mestre Cobra Mansa e convidados (Faixas 5 a 9). 2020.

Nzinga Capoeira Angola. Grupo Nzinga de Capoeira Angola. 2003.

Nzinga Capoeira de Abrigação. Grupo Nzinga de Capoeira Angola 25 anos. 2020.

Projeto FICA na feira. Mestre Leninho Sá. Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA DF. É no pé do berimbau. 2019.

Endereços eletrônicos

www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-de-capoeira-no-mundo

www.capoeira.gov.br

<https://capoeirariodejaneiro.com.br/geral/movimento-novo/>

<https://capoeirabce.com/>

<https://capoeirabce.com/capoeira/dandara-baldez-voz-sem-medo/>

<https://www.facebook.com/alex.ratts/posts/10214793943302403> <https://www.facebook.com/groups/10742924786/permalink/10157497778539787>

https://www.facebook.com/watch/live/?v=583490902338828¬if_id=1595030526970235¬if_t=live_video_explicit

<https://www.facebook.com/grupo.nzinga.5/posts/2786656518054>

<https://gbaradudu.wixsite.com/canzuadeangolaubuntu/>

<https://www.youtube.com/watch?v=k6Y1FngJOP0>

https://www.youtube.com/watch?v=IK_rVpGqNII

<https://www.youtube.com/watch?v=ujfDSTtROW0>

https://www.youtube.com/watch?v=Vm1vAC_TS3I

<https://www.youtube.com/watch?v=81WGB04dw-g>

<https://www.youtube.com/watch?v=vKiCKSwygXY>

<https://www.youtube.com/watch?v=sUfFH7lj9Gk&feature=youtu.be>

<https://matumbecapoeira.com/portal-capoeira/mestre-cobra-mansa-o-outro-lado-da-moeda/>

<https://mariasfelipas.com/2020/03/18/carta-de-repudio/>

<https://www.pragmatismos.com/post/brutalismo-do-antropoceno>

<https://portalcapoeira.com/wp-content/uploads/2020/04/MANIFESTO-DAS-MULHERES-DO-GT-SSA-RMS-SALVAGUARDA-BAHIA.pdf>

<http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/05/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html>

Recebido em 20 de novembro de 2020.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.